

# Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



## Capítulo X



O inferno e a História estavam agora tão entrelaçados quanto os pecados que há muito assolavam a poderosa Babilônia. Em 1331, um templo isolado na China Central explodiu e, de seu segredo mais bem guardado, um pássaro morto levou a mensagem de Lucifeu por toda a região. Durante dezessete anos nauseantes, o odor rançoso da putrefação pairou sobre o Reino da Mongólia como um miasma divino e maligno — a *Peste Negra* era a Doença do Diabo . Irradiando-se do coração do continente, a poção letal de Lucifael continuou a corromper o vasto reino asiático e, em 1347, a onda de mortalidade e enfermidade espalhou-se até suas costas mais ao sul, alcançando o Mar Negro. e sua incipiente cidade portuária genovesa de Kaffa.

### ***Mar Negro - Kaffa - Outubro de 1347***

Após a descoberta, pelos genoveses, de uma rota comercial totalmente marítima para o Extremo Oriente e a Crimeia, o porto asiático de Kaffa tornou-se uma próspera porta de entrada para os mercadores genoveses que reuniam mercadorias raras e valiosas da Rota da Seda mongol e as enviavam para os diversos reinos da Europa. Contudo, no final de 1347, a Rota da Seda trouxe um presente bem diferente para seus ávidos comerciantes genoveses: a *Peste Bubônica*.

A cidade murada de Kaffa fechou imediatamente seus portões, protegendo-se de novas infecções enquanto, em outros lugares, mongóis definhavam, sem cessar e aos milhares. A má notícia sobre os comerciantes genoveses se espalhou tão rapidamente quanto a doença — a notícia de que os estrangeiros do Ocidente haviam recorrido à sua *"magia cristã maligna"* para lançar a *Mãe de Todas as Maldições* sobre a Mongólia. Assim, os senhores da guerra sobreviventes uniram-se para formar um exército de tártaros mongóis que atacaram a cidade fortificada, numa tentativa de expulsar a besta colonial de volta para o mar, de onde viera. Contudo, com fileiras de defensores habilidosos arqueiros, lanceiros e estratégias superiores, Kaffa manteve sua reivindicação sobre o território da Crimeia.

A paisagem rural, outrora tranquila, mudara lentamente: onde o aroma fresco das folhas de outono e o canto dos pássaros ecoavam pelas florestas intocadas, o ar agora carregava os sons e Cheiros de conflito crescente — de cascos trovejando em solo congelado — de couro, suor, resíduos e decomposição persistente — de gritos distantes e feras bufando. Inicialmente esporádicos, os ataques à cidade tornaram-se mais organizados e ferozes à medida que a campanha evoluía. Ainda assim, os genoveses mantiveram os mongóis à distância por três meses extenuantes — até que os tártaros corroeram as muralhas de Kaffa com onda após onda de mongóis vingativos, impetuosos, gritando e, sobretudo, honrados. Na primavera de 1347, quando o tempo esquentou e as cerejeiras... Flores desabrocharam, o sangue genovês escorreu das muralhas da cidade. Com poucos mantimentos e mão de obra disponível, os habitantes isolados se conformaram com o desfecho aparentemente inevitável: os tártaros estavam prestes a tomar a cidade.

Contudo, a maré da batalha mudou, quando os tártaros sofreram uma reviravolta do destino bastante incomum e talvez divinamente intencional. Os ventos mudaram de direção e o hálito quente de Lucifael soprou sobre os exércitos que avançavam, à medida que a peste finalmente se infiltrava nas fileiras das hordas tártaras. Em poucos dias, toda a região fétida exalava o cheiro da decomposição de mongóis em putrefação e, por léguas em todas as direções, os vapores da carne humana em putrefação contaminavam o ar. Mortificados, os senhores tártaros viram seus vastos números desmoronarem, com legiões inteiras caindo; inchadas, enegrecidas e dizimadas pela doença.

Não era de admirar que os tártaros caíssem abatidos e envergonhados de sua recém-debilitada condição — eles prezavam suas preocupações culturais e religiosas com a maior estima, reverenciando-as com uma honra maior do que qualquer temor de perder a vida. Em sua maioria cegos por essas rígidas noções sociais, reforçadas por séculos de doutrinação inabalável, os guerreiros mongóis apreciavam apenas um modo de vida e aceitavam apenas uma forma de morte. Para os mongóis, vida e morte eram preto no branco, sem qualquer confusão em questões de dignidade e desonra. Para eles, a morte em batalha era honrosa, ao contrário da morte por doença, que envergonhava toda a família e marcava para sempre suas vidas.

sobreviventes com o estigma social de linhagem impura.

Como muitos mongóis enlouqueceram com a febre, atormentados por uma demonstração de grande honra. Diante da morte, eles investiram contra as muralhas de Kaffa em ataques suicidas massivos. Os retardatários, fracos demais para lutar, cambaleavam e permaneciam diante das muralhas como miseráveis cerimoniais e mendigos de dignidade, ansiando por uma besta genovesa que lhes desse alívio e livrasse suas famílias de uma distinção inevitável e desonrosa. Talvez, como uma redenção implícita, os guerreiros tártaros se lançaram contra a base das fortificações da cidade, sacrificando sua superioridade numérica a uma crescente escadaria de carne infestada de moscas, permitindo que seus camaradas mongóis escalassem seus restos mortais mais ilustres e subissem as muralhas.

Com o passar dos dias — quando o sol se escondia atrás do céu noturno e a brisa costeira soprava em direção ao mar —, os colonos genoveses se afogavam no odor acre de mil litros de água contaminada. Apesar da crescente ameaça dos tártaros, os genoveses mantiveram sua cidade, rezando para que a peste finalmente aniquilasse a vontade das massas mongóis. Apesar da superioridade numérica e das fortificações, o tempo não era aliado de nenhum dos exércitos, já que os genoveses consumiam seus suprimentos tão rapidamente quanto a peste dizimava os guerreiros tártaros recém-recrutados. Assim, parecia que ambos os exércitos haviam entrado em um impasse.

Contudo, como a História bem sabe, em cada aplicação da Arte da Guerra, o Homem era meramente um peão descartável. Afinal, a *Arte da Guerra* não era de origem terrena — era estritamente uma invenção divina, concebida antes mesmo da construção do Inferno, quando legiões de Anjos celestiais se armaram contra seus irmãos e irmãs terrenos: os Vigilantes, com seus *Chefes de Dez*. E uma Irmã Angélica, em particular, conhecia o desígnio da guerra. Assim como o Anjo Apolo, Lucifal também era um dos Anjos mais importantes e favorecidos de Deus, e tinha conhecimento da maior parte de Seu Grande Desígnio, incluindo a Arte da Guerra e da Conquista. No entanto, diferentemente da queda graciosa de Apolo, imediatamente após sua queda, Lucifal empregou seu profundo conhecimento da criação e da destruição para influenciar o Homem, fornecendo-lhe novas ferramentas e estratégias para travar guerras cada vez mais eficazes contra Seus irmãos — o canhão, o arco longo e a flecha perfurante eram apenas os mais recentes dispositivos de destruição concebidos através dos sussurros íntimos de seus conselhos malignos. Agora, ela sussurrava novos segredos e, mais uma vez, a arte da guerra evoluiu para incluir o novo e mortal conceito de Lucifael. Quando ela infectou as orelhas dos Lordes Tártaros moribundos com seus sussurros malignos, eles aprenderam da sua estratégia bastante vil de aniquilação da humanidade: *a guerra bacteriológica*.

Determinados a expulsar os genoveses, e com as novas revelações de Lucifael, os Lordes

convocou uma frota de treze de suas maiores catapultas, ordenando que seus exércitos lançassem o Os cadáveres contaminados de seus camaradas caídos eram lançados no coração da cidade fortificada. Espalhados uniformemente pelas muralhas de Kaffa, as máquinas de matar nunca descansavam. Dia e noite, sem cessar, um fluxo inesgotável de mongóis assolados pela peste caía sobre a cidade genovesa, atravessando telhados e esmagando transeuntes desavisados. Com um ritmo tão profano, os colonos não conseguiam queimar os corpos tão rápido quanto os tártaros os atiravam por cima das muralhas. E o odor horripilante de cabelo e pele queimados se misturava ao cheiro já existente de carne podre, impregnando o assentamento fortificado com um fedor sufocante. O inferno dominava Kaffa. No alto do galho mais alto de uma cerejeira, um corvo solitário grasnou duas vezes — e novamente.

Cercada e com quase todos os seus mantimentos esgotados, Kaffa preparou uma frota de treze de seus maiores navios oceânicos, equipando-os para uma partida rápida. Marinheiros, soldados e mercadores genoveses despojaram a cidade de seus tesouros, enchendo os porões dos navios com tudo o que era inestimável: ouro e prata; jade asiático e cerâmica trabalhada; peles curtidas e fardos de peles; pedras preciosas brutas e joias raras; e barris de especiarias e perfumes. E quando carregaram completamente os cascos da frota, retiraram o revestimento das estruturas de madeira da cidade, fechando os conveses dos navios com paredes ainda mais altas para acomodar a carga adicional restante. Com a cidade despojada de seus bens mais preciosos, doze navios deixaram o porto furtivamente sob o manto da escuridão. A tripulação Do décimo terceiro regimento permaneceram para trás. Incendiando completamente a cidade, deixaram um rastro de destruição com edifícios em chamas enquanto alcançavam a armada em retirada.

A Santa Godeberta era a maior e mais segura das treze cocas. Suas enormes vigas transversais sustentavam um casco duplamente reforçado com tábuas sobrepostas e, com um mastro, verga e vela imponentes, ela escoltava sua pesada flotilha em direção a Gênova. Sua tripulação havia modificado o convés, incorporando tábuas emprestadas de construções de Kaffa, que formavam uma parede elevada acima das amuradas. Em preparação para o alto mar, fechos metálicos ancoravam uma rede de cordas que prendia sua carga excessivamente abundante no convés superior.

Maior que a maioria dos navios mercantes oceânicos, ela era a construção mais recente e o orgulho dos construtores navais genoveses. Um convés de popa em forma de U se estendia sobre a popa, coberta de carga. O convés principal era amplo e, acima dele, um convés de proa espaçoso estendia-se sobre a proa reta. Mesmo sem as dezenas de toneladas de carga de Kaffa, ela deslocava quase cento e quarenta e quatro toneladas de água. Era de fato uma fera dos mares, se é que alguma vez existiu uma. No entanto, ela não estava vazia, mas sim lotada até a boca, com a barriga pesadamente submersa e seus doze encaixes para remos abraçando as ondas do oceano. Era apenas sua oitava viagem de Kaffa a Gênova e ainda se provaria a mais árdua. Bem acima de sua capacidade.

Com sua capacidade projetada, o menor infortúnio ou erro de cálculo poderia claramente enviá-la, juntamente com seus vinte e quatro marinheiros, em direção ao fundo do oceano. Sob um manto de estrelas da manhã e na brisa constante de um vento vindo do mar, a Santa Godeberta conduziu sua frota carregada através da superfície plácida do Mar Negro em direção ao horizonte escuro, rumo a casa .

Uma dúzia de navios mercantes carregados navegava pesadamente com a linha de flutuação baixa; e as madeiras dos cascos, sobrecarregadas, rangiam e gemiam na agitação do mar; e o cheiro de salmoura e decomposição pairava nos cascos repletos de tesouros. Homens, mulheres e crianças cobriam cada centímetro do mar. seus conveses, mas nenhuma palavra foi dita — os poucos bebês a bordo estavam fracos demais para chorar. De fato, os colonos genoveses escaparam dos cadáveres tártaros voadores com todos os seus tesouros, deixando para seus invejosos inimigos asiáticos apenas terra arrasada. Contudo, por mais limpa e fácil que sua fuga pudesse ter parecido, eles não contavam com a intervenção angelical — quando Lucifael tinha um papel na História, ela semeava as raízes, muitas vezes moldando o futuro com uma retrospectiva agri-doce. Os genoveses estavam a salvo de Kaffa; Contudo, eles não conseguiram escapar do seu terrível destino, que Lucifael havia astutamente planejado. Apenas alguns dias após o início da viagem, membros da frota adoeceram gravemente. Os marinheiros sobreviventes jogaram os mortos ao mar enquanto isolavam os doentes que se agravavam nos conveses inferiores. e perto da popa de seus navios. Ganharam tempo suficiente para manter a contaminação mortal sob controle, jogando baldes de salmoura no convés para lavar os dejetos e fluidos expelidos pelos infectados. Mesmo com tais precauções aplicadas adequadamente, não faziam ideia de que seus camaradas representavam uma fonte de infecção menor do que os clandestinos que se escondiam sob os conveses de seus navios. E quando a armada contornou o No extremo sul da Itália, os mortos superavam os vivos em quase dois para um. No caminho, o navio que seguia com os marinheiros que incendiaram Kaffa se separou da frota, vagando sem rumo enquanto desaparecia no horizonte plano do oceano. Os doze navios seguiam adiante como persistentes caixões flutuantes, cruzando um mar árido e impulsionados apenas pela força de vontade. desejavam ver o porto genovês. Contudo, o desespero acabou por guiar a Santa Godeberta rumo ao mar. Com marinheiros exaustos a manusear o seu cordame e Génova ainda demasiado longe para navegar, ela direcionou a sua proa e a sua frota para o porto mais próximo, Messina, na Sicília.

Com apenas uma dúzia de navios mercantes à deriva, tripulados por uma população em fuga e um punhado de marinheiros moribundos, a Frota da Peste Negra sobreviveria à História e seria lembrada como a armada mais mortífera e mal equipada a navegar pelas águas europeias. E das águas abaixo "A terra", zombou Lucifael.

### ***Boca da montanha***

O sol poente se esvaiu atrás das nuvens cinzentas do final do outono, deixando uma noite escura e atipicamente fria pairar sobre o coração da França. Um galho de árvore estalou; um cachorro latiu; contudo, nenhum outro ruído perturbava a noite silenciosa e sem vento. No subsolo, o som da respiração ofegante de um menino ecoava pela escuridão enquanto, nas profundezas da Boca da Montanha, uma figura encapuzada subia com dificuldade uma passagem íngreme em direção à gruta, com uma odre de água cheia pendurada no ombro. A silhueta largou o odre perto da parede da caverna e voltou sua atenção abruptamente para uma fogueira que se apagava. Lenha fresca e uma nova chama revelaram Lázaro, com o capuz agora preso ao cinto de corda. Longos cabelos negros emolduravam o rosto sujo e sombrio do menino, seus olhos cintilando como safiras brilhantes à luz do fogo. Além da névoa constante de sua respiração, apenas o movimento de suas pupilas marcava aquele momento imóvel, dilatando-se e contraindo-se à luz da chama fraca.

Lázaro sentou-se sobre uma pedra. Na tentativa de exorcizar o frio perpétuo que há muito se instalara em suas extremidades, puxou o capuz de sua túnica sobre si, apoiou os pés em brasas incandescentes e aqueceu as mãos contra o novo brilho. Contudo, as chamas subiram, O fogo rugia, e as pupilas de Lázaro eram minúsculos contra círculos azuis. Ele se afastou do calor infernal que agora consumia qualquer vestígio de frio da gruta. Lá no alto, tons alaranjados e sombras mutáveis dançavam sobre a massa compacta de mil morcegos; juntos, seus inúmeros olhos refletiam na luz do fogo, imitando uma... Céu escuro com estrelas cintilantes. Fumaça espiralava para cima, acumulando-se no teto da gruta. Um punhado de morcegos alçou voo e circulou a caverna. Lázaro tirou o capuz da cabeça e verificou se ainda havia vestígios de sua respiração, que já haviam desaparecido. Mais morcegos se agitaram na caverna que se aquecia rapidamente.

O menino fixou o olhar nos morcegos enquanto se afastava da fogueira e escalava fileiras irregulares de saliências em terraços, abrindo caminho em direção às partes mais altas da caverna, ocasionalmente se virando para inspecioná-los de um ponto de vista ainda mais elevado antes de continuar a subida. Um mar de olhos negros e penetrantes examinava seu avanço constante para cima; contudo, os morcegos não fugiram como ele inicialmente imaginara que fariam. Em vez disso, permaneceram firmes contra o teto, aparentemente tão curiosos sobre Lázaro quanto ele sobre eles. O menino se içou até o topo da saliência mais alta. Parou e ajeitou sua túnica enquanto inspecionava o teto da gruta, com seus muitos olhos fixos.

“Você está com calor?”, perguntou ele em voz alta. “Você pode me ensinar?” O chamado repentino do menino ecoou pela caverna e vários morcegos desceram de seus poleiros para se juntar a outros que já circulavam o local. Mais morcegos os seguiram e a gruta se agitou com o bater de asas.

Em suma, poderia parecer que eles se revezavam demonstrando seu valor para a colônia, enquanto as massas permaneciam como juizes celestiais, avaliando as habilidades aéreas do último demonstrador. E mesmo que não estivessem sendo julgados, Lázaro certamente observava atentamente aqueles que optavam por voar.

Por fim, o menino se despiu. Firme na borda, sentou-se vestindo apenas um tapa-sexo e luvas. Suas magníficas asas de morcego se desdobraram e se abriram, e com elas ele imitava os movimentos das asas de seus pequenos mestres. Embora cada morcego fosse diferente, Lázaro percebeu que, em voo, os movimentos de suas asas eram idênticos aos de todos os outros: asas em concha batendo na subida, asas rígidas e abertas com uma desaceleração repentina e asas recolhidas para um mergulho rápido. Seus olhos brilhavam; suas asas estalavam no ar; seu cérebro fervilhava enquanto contemplava a metodologia — as muitas formas e métodos necessários visivelmente exibidos na arte do voo dos morcegos. Assim, durante a maior parte da noite, ele aprendeu com seus companheiros da caverna.

Na hora que antecedeu o amanhecer, os morcegos já haviam fechado seus pequenos olhos negros, entregando-se ao reino dos devaneios invertidos, e Lázaro se retirou de suas aulas noturnas.

Cansado, faminto, com frio e com as asas doloridas, Lázaro vestiu suas vestes novamente e desceu até o chão da gruta. Ele atçou o fogo e recolheu comida de seu saco de provisões. Finalmente, sentou-se em uma pedra diante de novas chamas, com uma bolsa de água ao lado, e se banqueteceu avidamente com pão sírio e tiras de carne curada com sal. Um movimento nas sombras lhe roubou a atenção.

Os olhos amarelos brilhavam!

“Sss!” Lázaro cuspiu a comida, caiu da pedra e recuou apressadamente quando, na entrada da gruta, um par de olhos brilhantes e soltos pareceu flutuar na escuridão.

Como duas luas gêmeas, pairando perto do chão da caverna, os orbes queimavam Lázaro com a luz refletida do fogo.

"Quem está aí?" Lázaro conseguiu formular a pergunta, com as orelhas para trás e as pupilas dilatadas. Os olhos não piscaram. Lázaro farejou o ar e ergueu as orelhas para detectar o leve odor e a respiração irregular de um animal que também farejava o ar.

Então, um javali negro bufou e saiu das sombras da passagem. Lázaro bufou, suspirando de alívio. Levantou-se e sacudiu a poeira de sua túnica, dando uma risadinha enquanto o fazia. "Ora, "Você é um porco! Já vi gente da sua espécie... em livros!" O javali assustado girou em direção à entrada da gruta, mas parou e olhou para trás, para Lázaro.

"Oh, não vá embora! Não quero lhe fazer mal. Vou me sentar agora." Lázaro sentou-se na pedra em silêncio. O javali se virou para Lázaro e deu alguns passos curtos, farejando o ar ao parar.

“Você está com fome, não é?” perguntou Lázaro. Ele tirou um pedaço de carne de perto do pé e Apresentei-o sob uma boa luz. “Venha. Coma.” O javali manteve distância. “Fique com ela.” Lázaro atirou a carne a poucos metros do animal. Este lançou um olhar nervoso entre Lázaro e o resto de comida; por fim, avançou, cheirou e devorou a carne. Depois, encarou Lázaro, como se esperasse por mais. “Você também gosta de pão? Eu não gosto muito — é muito seco.” Lázaro atirou um pedaço grande de pão sírio. O javali o abocanhou e saiu correndo da gruta. “Espere! Não vá!” Lázaro perseguiu o javali. Na caverna externa, ele contornou a esquina em direção à entrada e avistou o animal escalando o cume rochoso. Acima da colina, nuvens carmesim se estendiam pelo céu — o amanhecer. Lázaro recuou abruptamente para a escuridão. Só então ele percebeu o quão verdadeiramente exausto estava. Ele voltou arrastando os pés para a gruta.

Ao longo da semana seguinte, Lázaro continuou seus estudos, fortalecendo suas asas o suficiente para se elevar do chão; contudo, como suas asas ainda estavam muito fracas para suportar seu peso, Lázaro só conseguia realizar voos curtos e rasantes entre as pedras do chão da caverna.

Com o passar do tempo, Lázaro adotou a mesma rotina dos morcegos, dormindo durante o dia para poder estudá-los quando estavam mais ativos. As noites ficaram mais frias com geadas recorrentes e, quando a pilha de lenha diminuiu, ele saiu da caverna para coletar madeira na parte de trás da Boca da Montanha. À medida que a fumaça subia de suas fogueiras, um número crescente de morcegos deixava a caverna em busca de abrigos tranquilos em outros lugares. Com quase um quarto deles desaparecido, Lázaro começou a notar espaços vazios no teto que antes eram ocupados por eles. No entanto, atualmente, a atenção de Lázaro não se dedicava exclusivamente aos morcegos, pois, após suas lições e precisamente ao nascer do sol, o javali agora frequentava a Boca da Montanha para jantar com ele. E jantavam mesmo.

### ***Sicília - Porto de Messina***

Um menino siciliano bem vestido estava perto da beira da água quando um bando de gaivotas o cercou em busca de pedaços de pão quebrado. Seus longos cabelos negros e roupas coloridas ondulavam na brisa constante. Ele erguia o último pedaço de maná para o céu, com os olhos fechados e uma expressão de dor no rosto. Uma gaivota arrancou o pão de suas mãos e ele puxou o braço para baixo, dando uma risadinha. O menino protegeu os olhos do sol forte, entrelaçando os dedos sobre a testa enquanto olhava fixamente para o horizonte sudoeste do oceano. Dois pontinhos apareceram — depois um terceiro.

“Mamãe! Navios!”, gritou o menino por cima do ombro, apontando para o mar. “Quatro!”  
Cinco navios! Mais!”

A Santa Godeberta liderou sua pesada armada de navios mercantes até o porto de Messina. Com a popa baixa e a proa alta, ela cortava o mar revolto, sobrecarregada com os consideráveis e valiosos restos de uma cidade em ruínas. Como um navio fantasma, seu convés abandonado brilhava com a constante maresia; imóvel, sem uma tripulação visível para guiar seu curso. Nem navegava, nem oscilava nas ondas do oceano. Por mais profunda que estivesse na água, mesmo com suas muitas toneladas de carga pesada, apenas um punhado de pulgas e uma cesta de ratos demonstrariam verdadeiramente a gravidade de sua carga. Não mais pesados que um saco de arroz, o fardo insignificante desses insetos e roedores provaria ser capaz de quebrar as costas de milhões; esmagar os pilares e lajes de todos os reinos europeus; e achatar a face de todo o continente.

Uma multidão de pedestres e transeuntes se reuniu nas docas para testemunhar um espetáculo raro para a época: uma frota de navios gigantescos, aparentemente capazes de navegar até mesmo pelos oceanos mais vastos e traiçoeiros. Centenas de meninos ansiosos e camponeses maltrapilhos se alinhavam nas docas. o porto, buscando reivindicar uma maior parte do escasso espaço de doca mais próximo das estacas de amarração. Eles disputavam posições como trabalhadores contratados para descarregar a carga. Com uma frota tão pesada, tinham certeza de que, entre os escolhidos para descarregar, receberiam um generoso pagamento equivalente a vários dias de trabalho. O trabalho era essencial. Homens resmungavam e se empurravam enquanto meninos lutadores levantavam poeira. O porto estava lotado e a multidão congestionada invadia as ruas. A cidade movimentada parou, contemplando a aproximação da armada. Cada vez mais evidente para todos os presentes, as docas eram incapazes de abrigar com segurança uma flotilha tão monstruosa. Mesmo assim, a frota prosseguia, obstruindo o horizonte com sua presença cada vez maior.

Um corpulento capitão do porto e dois de seus ferreiros estavam em um elevado patamar de madeira que dava para o cais congestionado. O capitão, frustrado, acenou com uma bandeira vermelha na direção dos navios que se aproximavam, sinalizando para que se afastassem e parassem. "O senhor tem razão. Não são navios nossos — talvez portugueses", disse um dos ferreiros, semicerrando os olhos para o mar.

O outro carregador deu um tapinha nas costas do ombro peludo do capitão. "Eles chegaram, senhor." O homem baixou sua bandeira e olhou por cima do ombro para descobrir fileiras de soldados armados penetrando a multidão. No geral, o brilho ofuscante de seus capacetes e o movimento para a frente de sua formação alongada poderiam ter projetado a imagem de um verme de fogo incandescente, abrindo caminho em meio a um mar de cabeças enquanto serpenteava em direção ao cais. Ele assentiu com a cabeça e voltou sua atenção para a frota inflexível, agitando sua bandeira em uma tentativa desesperada de chamar a atenção — mas, em vão, pois a Santa Godeberta rompeu o perímetro externo do porto de Messina.

As preocupações do capitão eram claramente evidentes para os seus ferreiros, que também estavam presentes.

temor diante da frota, que agora se aproximava deles como se navegasse com força e vigor em alto mar. Como era costume e regra para a atracação segura de embarcações maiores, como Estas velas deveriam estar presas às vergas e os remos deveriam estar içados e usados durante a navegação pelo porto. No entanto, apenas metade da vela da Santa Godeberta estava presa à verga — o resto permanecia desfraldado, à mercê do vento. As cordas emaranhadas do seu cordame principal pendiam do mastro e da verga. Com apenas três remos girando fracamente, pouco contribuíam para diminuir sua velocidade.

“Eles estão nos pressionando muito, Capitão!”, exclamou um dos ferreiros do porto. “Há um mar imenso atrás deles!” Ele apontou para o navio que seguia de perto a Santa Godeberta, com a vela totalmente aberta e sem remos. “E o próximo — é como um barril rolando por uma prancha — a vela está escancarada! Olhe para ela, Capitão, está navegando em alta velocidade! ” Aberto! Devo fazer a ligação?

O capitão levou a mão à boca, agitando a bandeira enquanto gritava para a frota que se aproximava, a qual começava a preencher a baía. “Atenção! Reúnam as velas! Girem de proa a popa! Virem seus—”

Um dos navios esmagou um pequeno barco de pesca, arrastando parte dos destroços pela própria rede, que ficou presa na proa. O capitão baixou seu estandarte e ordenou aos ferreiros do porto que prosseguissem com a missão.

Eles obedeceram prontamente às suas ordens. Um deles se virou, pegou um martelo de metal que estava pendurado e tocou um grande sino tubular. O outro homem gritou por cima do som ensurdecedor dos sinos, gesticulando com os braços e ordenando que a multidão desocupasse os cais. O pânico se instaurou quando a multidão se atropelou na pressa de fugir da beira do porto. Soldados gritando se espalharam numa tentativa desesperada de formar uma barreira.

Os muitos olhos da multidão de Messina estavam fixos na Santa Godeberta enquanto ela cortava as ondas com cristas brancas, expelindo um jato constante de água do oceano debaixo de sua proa maciça — ela era como um monstro marinho furioso, determinado a encalhar. O capitão do porto e seus dois homens saltaram da torre de observação enquanto fileiras de tábuas e estacas do cais explodiam sob o peso esmagador do navio sobrecarregado. Todo o porto cambaleou com a força do impacto. A torre destruída desabou sobre a multidão quando o navio encalhou, arremessando-se sobre a fileira de soldados e esmagando-os contra a costa. Assim que a Santa Godeberta se acomodou sobre os soldados,

O segundo navio entrou no porto em alta velocidade, contornando por pouco a popa e raspando o canto de estibordo antes de virar bruscamente, arremessando seu lado de bombordo contra o porto e desintegrando uma vasta extensão do cais de madeira. Novamente, o porto ressoou, rugindo com o estrondo e os gritos de sua população estupefata. Mais dez navios pesados

Os navios chegavam ao porto, apresentando-se como uma enorme parede de madeira, cordas e velas que parecia engolir a baía; e sem sinal de tripulação em seus mastros, vergas ou conveses, o porto de Messina parecia sitiado por uma armada invasora de navios fantasmas.

E o que, senão por aparente intervenção divina, os cascos dos dois navios permaneceram intactos mesmo com uma grande seção do cais do porto destruída, pressionada contra a costa como uma pilha de estilhaços? Logo atrás deles, mais dez navios entraram lentamente na baía, eventualmente diminuindo a velocidade até parar completamente. Contra a massa de embarcações não convidadas, homens se moviam abertamente como insetos frenéticos; o porto era um caos infernal. Com a proa da Santa Godeberta presa na água, o Capitão do Porto e seus guardas escalaram o convés de proa.

Um homem sem camisa, suado e com aparência doentia saiu cambaleando do porão. Caiu de costas contra a parede próxima e deslizou para o convés. Inclinou-se para a frente, balançando a cabeça como um bêbado. Marinheiro. As órbitas oculares estavam escuras e aparentemente machucadas, assim como as pontas dos dedos. Guardas do porto o cercaram enquanto outros se aglomeravam no porão do navio.

O capitão do porto apontou para cima da cabeça. “Soltem a vela! Este navio fica parado!” Vários ferreiros subiram no mastro. Ele se aproximou do homem suado e gritou: “Onde está o capitão deste navio?” Virou-se para a entrada do porão e berrou: “Quero toda a tripulação no convés! Tragam-nos!” Voltou-se para o homem suado. “Quem comanda esta frota?”

O homem respondeu de forma delirante e febril: "Nenhum capitão, nenhuma frota, apenas o oceano. O oceano reclama os mortos, todos os mortos."

Um ferreiro sussurrou no ouvido do capitão: "Ele está bêbado, sem dúvida."

O capitão do porto continuou seu interrogatório. “Qual o nome deste navio? Esta frota navega para Gênova, certo?” Ele examinou a carga amontoadada. Deu uma olhada nos conveses das outras embarcações. “Seus navios estão carregados além da capacidade. Como vocês os mantêm à tona, só Deus sabe. De onde vocês tiraram toda essa carga?”

O homem conseguiu responder: "O navio é o Santa Godeberta, de Kaffa para Gênova."

O capitão ordenou a dois de seus homens: “Coloquem-no de pé. Deem-lhe um pouco de ar.” Falou com outro que estava ao seu lado: “Tragam um balde de água. Deixem-no sóbrio.” O capitão balançou a cabeça e murmurou: “Kaffa... com essa carga?” Observou a carga amarrada que cobria quase todo o convés e avistou um rato preto correndo entre os barris.

Ele cruzou os braços. "Nem em mil anos."

"Capitão!" Uma voz gritou de dentro do porão do navio. "Há apenas cinco homens aqui embaixo, e o porão está terrivelmente lotado." O capitão do porto olhou fixamente para o porão.

Na entrada, um homem saiu e enxugou o suor da testa. Ele continuou: "Capitão, esses homens estão doentes — muito doentes mesmo. Teremos que carregá-los." Dois guardas passaram os braços por baixo do marinheiro sujo e o ajudaram a ficar de pé. "Argh!" gritou o homem, desabando inerte. Os guardas, assustados, o largaram no convés, e o inconsciente ficou estendido, com os braços sobre a cabeça, expondo duas protuberâncias negras e inchadas, como maçãs podres, que se projetavam de suas axilas. As protuberâncias rompidas vazavam, e uma mistura de pus e sangue negro se acumulava no convés. Os guardas enxugaram os braços nas barras das calças. Um odor rançoso emanava do ar. Marinheiro adormecido. O capitão levou as mãos ao nariz e à boca e recuou. "Em nome de Deus !"

Então ele se virou e gritou: "Saiam do navio! Não toquem em nada! Há uma pestilência a bordo!" Guardas correram em direção à proa do navio enquanto os operários desciam apressadamente pelos mastros, alguns saltando de cabeça na água.

No curto espaço de tempo que se seguiu, todos os doze navios foram atracados no porto, guardados por centenas de soldados armados com ordens para impedir, mesmo com o uso de força letal, qualquer pessoa que tentasse embarcar ou desembarcar. E em apenas um dia, os rumores sobre os navios contaminados se espalharam por Messina.

No segundo dia, as tripulações da frota solicitaram que médicos subissem a bordo para cuidar dos doentes. As autoridades municipais concordaram apenas sob a condição de que, uma vez a bordo, o médico permanecesse. Nenhum dos médicos da cidade concordou. Os funcionários do porto enviaram comida e água em baldes presos a cordas. Depois de vazios, os baldes permaneceram nos navios. Dessa forma, todas as precauções foram tomadas para isolar as embarcações.

No terceiro dia, o cheiro da morte pairava sobre o cais, levado para o interior pela brisa marítima. Por ordem dos médicos, os guardas receberam ordens para recuar, temendo que o vento espalhasse a doença contagiosa dos navios. Com os guardas mais afastados dos navios, o crepúsculo caiu silenciosamente sobre o cais e os ratos, impulsionados pela sede, reuniram coragem para rastejar pelos cabos de amarração dos navios, pelas cordas de amarração e até o cais, apenas para fugir e se juntar aos seus primos ratos do cais.

No sexto dia, muitos guardas adoeceram. Uma multidão enfurecida reuniu-se no porto e as autoridades da cidade não tiveram outra alternativa senão ordenar que os doze navios deixassem o porto, com toda a carga, para que não fossem incendiados. Vendo o lucro rápido e a passagem livre para outros portos europeus, os marinheiros estacionados em Gênova, Marselha, Córsega e Sardenha concordaram em dividir a valiosa carga da frota em troca de tripular os navios para fora do porto e para várias cidades costeiras.

E no sétimo dia, o porto expulsou os navios para o mar. Imediatamente, o Negro A Frota da Morte se desfez, com a maioria de seus navios rumando para portos que não Gênova. Seus conveses, antes congestionados, estavam vazios — um a um, os passageiros e tripulantes haviam atirado ao mar os infectados pela peste até que nenhum sobrevivesse à viagem.

Discreta na superfície, Messina já jazia condenada, pois, embora seu porto estivesse livre dos navios genoveses, a Peste da Pedra da Porta permanecia à espreita nas sombras sob seus cais. Cavalgando as costas de ratos de cais infectados, pulgas igualmente infectadas, gestantes da doença, carregavam seus estômagos como minúsculos úteros do Inferno — em pleno trabalho de parto — prontos para expelir suas misturas diabólicas. E a maldade do Diabo evoluiu. Em poucas semanas, a perversa mãe de Lázaro transformou toda a população de Messina em um pomar fértil de maçãs negras pestilentas — maduras de morte e repletas de frutos.  
ela arrancando os pelos.

Assim, aconteceu que a Grande Peste surgiu nos cais e se espalhou pelo interior, deixando para trás apenas uma cidade devastada. A peste se alastrou como um incêndio florestal, e a hora final da Europa havia chegado.

## **Boca da montanha**

Mais de três semanas haviam se passado desde que Lázaro chegara à Boca da Montanha. Nesse período, seu corpo endurecera, adquirindo definição muscular, e o peso que perdera nos braços e pernas se transferira apenas para suas asas, agora mais pesadas e musculosas. Os voos curtos entre as pedras do chão evoluíram para voos mais longos em altitudes mais elevadas. Ele não escalava mais a parede até a saliência de pedra perto do teto; em vez disso, voava diretamente para lá. Recolhia lenha não caminhando pela parte de trás da Boca da Montanha, mas voando sobre seu cume e retornando. Mesmo com essas novas habilidades, ele ainda não estava em condições de fazer a viagem até o mosteiro italiano. Até mesmo voos curtos que exigiam algum esforço, como o de coletar lenha, lhe roubavam o fôlego. E ele sabia que, para atravessar o Golfo de Leão até a Ilha da Córsega, ou da ilha até o continente italiano, precisava provar ser capaz de permanecer no ar por pelo menos metade da noite.

Um frio cortante soprava incessantemente do norte. O vale de pedras estava coberto por uma fina camada de gelo deixada pela chuva congelante da noite anterior. Dentro da gruta, Lázaro jazia. Adormecido, enroscado junto a uma fogueira quase apagada, sua respiração constante formando névoa no ar gélido. Acima. Para ele, metade do teto estava desprovido de vegetação, com os morcegos amontoados contra a parte mais alta do telhado traseiro. caverna.

Lázaro gemeu e se encolheu ainda mais, formando uma bola. Ainda adormecido, seus ouvidos se aguçaram e buscaram na caverna algum som novo que ecoasse entre as paredes. Ele entreabriu os olhos; suas pupilas dilatadas se reduziram a pontos negros sobre um fundo azul.

"Porco?" , exclamou ele, acomodando-se numa posição sentada. Bocejou, mostrando as presas e esfregou o rosto. "É você?" Um resmungo respondeu. "Agora não, porco. Estou exausto."

Lázaro vasculhou a escuridão e descobriu o javali remexendo em seu saco de provisões. "Porco! Não!"

Lázaro saltou de pé e correu em direção ao javali. "Saia daí !" O animal ergueu a cabeça para fora do saco, com uma abóbora rechonchuda entre os dentes. Guinchou e saiu correndo da caverna com o pedaço de comida.

"Que isso não aconteça", balbuciou Lázaro, procurando freneticamente no conteúdo do saco. Ele retirou o frasco de sangue e o examinou. Salvo uma fina rachadura ao longo de sua lateral, o recipiente permanecia selado e intacto. Aliviado, outra ideia lhe ocorreu e ele vasculhou o saco, descobrindo que o javali havia lhe roubado cada migalha de comida.

"Porco!" gritou ele. Lázaro retirou uma pequena bolsa de couro do saco e colocou dentro dela o frasco e outros itens que considerou importantes o suficiente para manter por perto.

Então ele voltou furioso para a fogueira quase apagada com a bolsa. "Por quê?" Ele colocou a bolsa ao lado dele e atizou o fogo com lenha fresca. "Eu compartilhei minha comida com você!" Ele jogou mais lenha sobre as brasas incandescentes e gritou em direção à entrada da gruta — sua voz ecoando pelo local. Através da cavidade, como um sino ressoando na névoa: "Não roubarás!" Vários morcegos alçaram voo, circulando a caverna, enquanto troncos fumegantes explodiam em chamas. Lázaro lançou um olhar fulminante através do fogo.

Mais uma semana se arrastou enquanto uma nova nevasca cobria a Boca da Montanha. Durante esse tempo, Lázaro rasgou as costas de suas vestes, deixando suas asas penduradas para fora. Ele também voltou a usar sua máscara. Essas mudanças eram necessárias para que ele pudesse circular o cume da Boca da Montanha por um longo período sem congelar. E com elas, ele conseguiu se manter no ar por quase três horas. No entanto, nem mesmo três horas foram suficientes para atravessar os mares. Com o inverno se aproximando rapidamente e sem comida, Lázaro finalmente sucumbiu à fome, ao cansaço e ao frio intenso. O ápice dessas condições insuportáveis o levou de volta à gruta — para reconsiderar sua promessa.

A manhã chegou com um mar de estrelas se afogando — morrendo em um céu carmesim. Dentro Na gruta, um Lázaro letárgico reacendeu o fogo e deitou a cabeça. Olhou por cima do teto quase deserto — restava apenas um quarto dos morcegos. E ali ficou, ponderando se deveria voar de volta para a Abadia; se deveria esgueirar-se pela noite e retornar à gruta, reabastecido com provisões de cozinha.

Ele farejou o ar enquanto um cheiro familiar persistia. Seu estômago se revirou. Lázaro atravessou o chão rapidamente, ergueu uma pedra enorme, abriu as asas e alçou voo. Circulou dentro da gruta com o olhar fixo na entrada da passagem. Sem que Lázaro percebesse, o javali entrou, movendo-se silenciosamente, aproximando-se com cuidado do saco vazio de provisões de Lázaro. Então, o animal enfiou a cabeça pela abertura. Lázaro mergulhou com a pedra e golpeou a cabeça do javali. O javali guinchou e morcegos irromperam do teto.

O javali cambaleou para fora da gruta. Consumido pela fome, ergueu a pedra e partiu em perseguição. Juntos, correram para fora da caverna e atravessaram o vale de pedras. Lázaro alcançou o porco guinchando enquanto ambos ultrapassavam o cume da colina, descendo a encosta leste. Desorientado, o javali parou e se virou para ele, golpeando-o com as presas. Naquele instante, a pedra de Lázaro atingiu seu alvo — o javali não existia mais.

Ofegante e exausto, Lázaro agarrou o javali por um casco traseiro e o arrastou morro acima, em direção à caverna. Só quando se aproximou do topo percebeu sua situação. Levantou o rosto, semicerrando os olhos para o amanhecer vermelho e incandescente, e agora tinha plena consciência de que estava do lado de fora da caverna enquanto o sol nascia. Freneticamente, puxou o javali para o outro lado do morro e de volta para a encosta sombreada. Com esforço após esforço, Lázaro arrastou o javali pelo leito seco do rio, abrindo caminho na neve em direção à caverna. A neve se acumulava sobre o javali e derretia em seu pelo, ainda quente. Os momentos passaram voando como um enxame de abelhas. O sol subia ainda mais, as estrelas agora se perdiam em seu fogo. Uma coceira de queimadura solar começou a percorrer sua pele exposta, mas com toda a força que lhe restava, Lázaro prosseguiu — passo a passo, metro a metro, ignorando a dor.

Por fim, ele alcançou a entrada da caverna e arrastou o javali para as profundezas escuras. Os primeiros raios de sol escaldante brilharam no horizonte. Lázaro se debatia freneticamente, puxando e arrastando a besta molhada e pesada ainda mais para dentro da escuridão. A traseira do porco A perna de Lázaro prendeu-se numa saliência no chão da caverna; e Lázaro a soltou. Ele se levantou e se preparou para mais um puxão quando um fino feixe de luz vermelha — um fio não mais grosso que uma teia de aranha — atravessou uma fenda distante no topo da crista da cordilheira oriental. A linha de luz carmesim brilhou através do vale de pedras, entrando na boca de A viga entrou na caverna e desviou-se contra o casco traseiro molhado do javali. Em seguida, mudou de direção, subindo a partir do pé do javali e atingindo Lázaro em cheio no olho.

O menino soltou o javali e mergulhou completamente nas sombras. Ele se contorceu e

se movimentavam desordenadamente pelo chão da caverna como se tentassem fugir de uma nuvem de vespas furiosas. "Oh Deus! Ah! AH!

Fumaça sulfurosa e cinzas cinzentas jorravam de cada parte de seu corpo, a fumaça amarelada e poeirenta se espalhando pelo chão da caverna. Cambaleando às cegas e com os braços agitados, ele se levantou e tropeçou para o interior da caverna, da mesma forma que o porco desorientado tropeçou para fora dela. Uma nuvem de cinzas amareladas seguia Lázaro enquanto ele corria pelo corredor e adentrava as profundezas mais escuras da gruta.

"MEU DEUS! ASSUSTOU!" Ele desabou e rolou sobre seu saco improvisado de provisões.

"GRITO!" Morcegos assustados irromperam do teto e circularam acima dele. Agora, rolando e arranhando o chão da caverna, puxando o saco sobre si, agarrando tudo o que encontrava — nada que ele pudesse reunir, mover ou fazer, poderia desfazer o que havia sido feito. Nenhuma bolsa, oração ou promessa poderia reverter o curso inabalável dos eventos, pois uma criatura grotesca, outrora queimada pelo sol, puxou o saco de provisões sobre si, depois sentou-se ereta, apoiando-se para trás em um braço. Seu rosto uivante voltado para o teto, tremendo com a face cada vez mais endurecida e quebradiça, soltou um último gemido agonizante: "PAI!" A cor se esvaiu, deixando uma superfície endurecida, cinza com. Com a dissipação da fumaça, restou apenas uma estátua detalhada de Lázaro morto — até mesmo seus ossos se transformaram em pedra. A estátua tombou e caiu, um braço petrificado erguido para o céu, os dedos abertos como se buscassem o Pai a quem havia invocado. E quando os últimos vestígios... Após uma camada de poeira e areia amarelada assentar, a gruta retornou ao seu estado praticamente intocado e semelhante a uma cripta, exceto pelo ocasional bater de asas de um morcego desalojado, as chamas crepitantes de uma fogueira viva e uma pedra de granito coberta por uma túnica de escudeiro empoeirada e acinzentada.

[Fim do Capítulo 10]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

## Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~